

## **Reforma e reformulação do Mineirão: planejamento, conceitos e inspirações**

Mineirão Reform and Reformulation: Planning, Concept and Inspirations

**Priscila Augusta Ferreira Campos**

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto/MG, Brasil  
Doutora em Educação Física, UNICAMP

**RESUMO:** O estádio de futebol, um microcosmo social, reflete as mudanças sociais em fluxo. Escolhido como estádio-sede da Copa do Mundo de Futebol da FIFA em 2014, o estádio Mineirão (Belo Horizonte/MG) foi reformado e reformulado para atender às normativas da FIFA. Esse artigo objetiva apresentar e analisar a entrevista realizada com o arquiteto responsável pelo projeto executivo da reforma e reformulação do Mineirão. A entrevista que ocorreu em dezembro de 2014 foi transcrita e, aqui, trechos foram selecionados para a discussão que tangencia o assunto. Os dados demonstraram alguns dos elementos do processo de reformulação do Mineirão, entre eles o alinhamento com a escala global de construção e transformação dos estádios, o hibridismo entre planejamento, implementação e operacionalização do estádio e a influência do modelo europeu de futebol e do modelo estadunidense de gestão de estádios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estádio; Futebol; Copa do Mundo.

**ABSTRACT:** The football stadium, a social microcosm, reflects social changes in flux. Chosen as the host stadium for the FIFA Soccer World Cup in 2014, the Mineirão stadium (Belo Horizonte/MG) was reformed and reformulated to meet FIFA regulations. This article aims to present and analyze the interview with the architect responsible for the executive project of there form and reformulation of Mineirão. The interview that took place in December 2014 was transcribed and some excerpts selected for the discussion that touches on there form and reformulation of Mineirão. The data demonstrated some of the elements of the Mineirão reformulation process, among them the alignment with the global scale of construction and transformation of the stadiums, the hybridism between Mineirão planning, implementation and operationalization and the influence of the European football model and the American model stadium management.

**KEYWORDS:** Stadium; Football; World Cup.

Os estádios de futebol, por seu tamanho e arquitetura, têm grande destaque na paisagem urbana, sendo, para muitos, uma referência espacial e simbólica. Para seus frequentadores, podem constituir-se, também, como formadores de identidade pessoal e coletiva. E, ainda para outros, são apenas um objeto construído para a disputa de partidas de futebol.

Entretanto, para alguns autores,<sup>1</sup> os estádios devem ser vistos, antes de tudo, como um microcosmo social. Desta maneira, entendidos como um espaço social, conectado “por normas e práticas sociais específicas, onde, não apenas características da cultura nacional ou regional se desenvolvem, como também, um local onde se congrega e se expressa a comunicação e a tendência de projetos de arquitetura”.<sup>2</sup> Portanto, os estádios são uma estrutura social dinâmica e múltipla, constituído por uma materialidade e por ações dos sujeitos de forma interrelacional,<sup>3</sup> que lhes fornecem uma autonomia relativa e lhes conferem um sentido que tem significado dentro de uma dimensão histórica e cultural.

Gilmar Mascarenhas,<sup>4</sup> em seus estudos sobre espaço urbano e estádios de futebol, verifica que os estádios não são neutros e nem passivos, uma vez que neles se produzem práticas sociais e se reproduzem normas sociais. Dito de outra forma, os estádios de futebol podem ser vistos como um espaço material e social, nos quais questões econômicas, sociais e culturais se desenvolvem e se intensificam.

Assim, pesquisadores como Frank e Steets sugerem que se olhe para os estádios com outras lentes, de modo que, por meio dos estudos das dimensões históricas, econômicas, políticas, geográficas, sociais dos estádios de futebol, se possa identificar e compreender as mudanças sociais em fluxo.<sup>5</sup> John Bale é pioneiro nesse pensamento, ao afirmar que as mudanças nos estádios não refletem apenas o desenvolvimento do esporte. Elas refletem também as mudanças sociais, uma vez que mostram como a sociedade se desenvolve e demonstra suas preferências, convertendo-as em ativismo, no qual o esporte é uma parte.<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> BALE. *Sport, space and the city*, 1993. BALE; MOEN. *The Stadium and the City*, 1995. FRANK; STEETS. *Stadium Worlds: Football, Space and the Built Environment*, 2010. MASCARENHAS. *Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol*, 2013.

<sup>2</sup> FRANK; STEETS. *Stadium Worlds*, p. 1.

<sup>3</sup> SANTOS. *A natureza do espaço*, 1996.

<sup>4</sup> MASCARENHAS. *Um jogo decisivo, mas que não termina*.

<sup>5</sup> FRANK; STEET. *Stadium Worlds*, 2010.

<sup>6</sup> BALE. *Sport, Space and the City*, 1993.

Em 2010, quarenta e cinco anos após a sua inauguração, uma grande reforma iniciou-se no estádio Mineirão (Belo Horizonte/MG), para adequá-lo às normas da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), já que, em 2014, o Brasil seria a sede da Copa do Mundo de Futebol e o Mineirão um dos estádios-sede. Isso fez com o que estádio fechasse suas portas, interrompendo suas atividades por dois anos.

Nesse sentido, visando atender uma norma hegemônica, pode-se dizer que o Mineirão, além de reformado, seria, também, reformulado. Tomando como base o significado das palavras,<sup>7</sup> não se trata apenas da alteração arquitetônica ou melhoria de alguns espaços (reformular), refere-se, também, na alteração nas formas de uso, nas normas de permanência, no público esperado e no valor simbólico (reformular). Isto é, não se trata apenas das alterações físicas e estruturais para atender às demandas da FIFA, mas também de uma alteração de conceito e de entendimento. Nesse novo contexto, os estádios que apresentam tais características passam a ser reconhecidos por outras denominações: arena (no contexto brasileiro);<sup>8</sup> *stadia* (em língua inglesa).<sup>9</sup>

Utilizando-se da festa, da paixão pelo esporte e da premissa de investimentos, a Copa do Mundo da FIFA chega como uma solução para determinados segmentos da sociedade. Ela se torna uma justificativa e também um marco necessário para mudar a forma de se pensar o futebol brasileiro e o espaço onde é praticado. No caso específico, a obra do “Novo Mineirão”, como foi apresentado à população pela imprensa mineira e pelos órgãos dos governos municipal e estadual, foi uma síntese do que almejava esses atores hegemônicos, mas também o desejo autoral de um escritório de arquitetura.

Sendo assim, que elementos embasaram a reforma e reformulação do Mineirão? O que os arquitetos responsáveis pelo projeto planejaram para o estádio para além do que previa os cadernos de encargos da FIFA? Qual/is foi/foram o/s conceito/s concebido/s para o Novo Mineirão? Quais foram as fontes de inspiração para o desenho do projeto arquitetônico? Quais usos foram projetados para os espaços?

<sup>7</sup> FERREIRA. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*, s/ d.

<sup>8</sup> MASCARENHAS. *Um jogo decisivo, mas que não termina*, 2013.

<sup>9</sup> PARAMIO; BURAIMO; CAMPOS. *From Modern to Postmodern: The Development of Football Stadia in Europe*, 2008.

Com a finalidade de responder essas inquietações, esse artigo tem por objetivo apresentar e analisar a entrevista realizada com o arquiteto responsável pela reforma e reformulação do estádio Mineirão para a Copa do Mundo FIFA 2014.

Para compreender a maneira como a reforma e reformulação do Mineirão foi pensada, realizou-se uma entrevista semiestruturada com um dos arquitetos responsáveis pelo projeto executivo da reforma do Mineirão.<sup>10</sup> A entrevista ocorreu em dezembro de 2014, na cidade de Belo Horizonte/MG. Os noventa minutos de conversa foram transcritos e, após, alguns trechos foram selecionados para a discussão dos conceitos que tangenciam a reforma e reformulação do Mineirão. Ressalto que os dados compartilhados devem ser relativizados por apresentar o ponto de vista de apenas um dos atores envolvidos no processo de planejamento do projeto de reforma e reformulação do Mineirão.

O arquiteto entrevistado,<sup>11</sup> um dos sócios do escritório,<sup>12</sup> localizado em Belo Horizonte/MG, ganhador da licitação para a execução do projeto de reforma do Mineirão, é belo-horizontino e frequentava as cadeiras cativas do Mineirão desde criança. Formou-se em arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/Brasil) e fez mestrado na *Architectural Association School of Architecture*, em Londres/Inglaterra. Em sua trajetória profissional, fez estágio em um escritório de arquitetura em Nova Iorque/EUA, no qual concebeu a proposta de uma das instalações esportivas para a candidatura desta cidade às Olimpíadas de 2012. Em 2000, de volta ao Brasil, o escritório de arquitetura do qual é sócio foi convidado para construir o Estádio Olímpico de Montes Claros/MG e, na sequência, reformar o Ginásio Poliesportivo Divino Braga, em Betim/MG para que atendesse as normativas nacionais e internacionais para receber os jogos de vôlei. Depois, participou do Projeto Minas Olímpica<sup>13</sup> oferecendo às prefeituras um cardápio de custo e implementação de diversas instalações esportiva. Em 2005, o escritório ganhou a concorrência para conceber parte do Complexo Esportivo de Deodoro, no

---

<sup>10</sup> Este estudo passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UNICAMP – CAAE 21467313.8.0000.5404 – e respeitou todas as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução n. 422, de 2012) envolvendo pesquisa com seres humanos. O entrevistado recebeu todas as informações acerca dos objetivos do estudo e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

<sup>11</sup> Neste texto, denominado Arquiteto.

<sup>12</sup> O escritório de arquitetura é composto por três sócios.

<sup>13</sup> Projeto Minas Olímpica, lançado oficialmente em dezembro de 2005 pelo governador do Estado de Minas Gerais.

Rio de Janeiro, para os Jogos Pan-Americanos de 2007 e, posteriormente, à candidatura do Rio de Janeiro/Brasil às Olimpíadas de 2016. Concomitante a esse último projeto, em 2008, houve uma licitação do governo de Minas Gerais para fazer o estudo de viabilidade da reforma do Mineirão. Esse conjunto de experiências os transformou em um dos principais escritórios de arquitetura esportiva, já que “somos o único escritório que participou dos três megaeventos. Participamos do Pan, Olimpíada e Copa do Mundo. Nenhum outro escritório de arquitetura do Brasil participou desses três eventos. Foi uma coisa que aconteceu naturalmente, não foi algo que eu planejei” (Arquiteto).

De acordo com o Arquiteto, tratava-se de um estudo “que é muito mais do que arquitetura. É você estudar até mesmo o valor da marca Mineirão, pois tinha a questão de *namings rights*”.

A reformulação dos estádios trouxe à tona o direito de uso de nome, isto é, os estádios passaram a ser nomeados pelo nome de empresas que pagaram para tal. Cada estádio possui a sua marca e o seu valor de mercado. Este capital imaterial é produzido pelo valor simbólico agregado, provido das qualidades do produto ofertado, bem como investimentos importantes em marketing e em campanhas publicitárias.<sup>14</sup> Sendo assim, após a reforma o Mineirão passou a ser chamado de Novo Mineirão.<sup>15</sup>

Nesse estudo preliminar, além de mensurar o valor e o impacto da marca Mineirão, a equipe técnica partiu da premissa de que o Mineirão não seria demolido, como afirmou o Arquiteto.

Então o que fizemos foi partir do princípio de que o estádio ia ser transformado, ia ser reformado e ia ser mantido, ou seja, não ia ser demolido como Wembley.<sup>16</sup> Era um pré-requisito que ele ia ser mantido e a gente começou explorara as possibilidades da área externa do Mineirão para resolver, não só para resolver o programa de necessidades da FIFA que não iria caber dentro do estádio, uma série de coisas, de requerimentos, mas também uma série de coisas, estacionamento, e

<sup>14</sup> GORZ. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*, 2005.

<sup>15</sup> Entretanto, neste artigo será chamado apenas de Mineirão.

<sup>16</sup> O Estádio de Wembley foi construído em Londres, em 1923, com capacidade para 100 mil pessoas, sendo considerado o maior estádio de futebol do mundo. Ao longo de sua existência, tornou-se uma referência arquitetônica e ocupou um lugar simbólico no futebol em nível nacional e internacional, entre outros fatores, por ser a casa da seleção inglesa e a Meca do futebol. Em 2002, o estádio foi demolido e, no mesmo local, foi construído um novo Wembley, com capacidade próxima ao antigo, porém com outra arquitetura considerada mais moderna e tecnológica. Para mais informações consultar: [www.wembleystadium.com](http://www.wembleystadium.com).

também essa conexão com o Mineirinho. O Mineirão está em uma localização muito privilegiada (Arquiteto).

A análise desse trecho demonstra que o pensamento vai à contramão dos empreendimentos sobre construção de estádios, uma vez que há a tendência, nos países europeus, de clubes venderem e demolirem os seus tradicionais estádios de futebol para construírem outros em locais afastados, usualmente em áreas distantes onde a infraestrutura urbana não está pronta ou em cidades vizinhas. Têm como justificativa a solução de problemas financeiros ou a adequação às novas normativas do futebol, porém, por trás desse processo, há um apelo ao fluxo do capital e à especulação imobiliária incentivada pelos gestores públicos.<sup>17</sup>

A premissa de que o Mineirão deveria ser demolido por estar obsoleto, justificando a cooptação pelo mercado de uma estrutura simbólica da cultura local para atender ao padrão FIFA, demonstrando conformação com o eurocentrismo e a neocolonização, foi verificada, primeiramente, em estudo de La Corte.<sup>18</sup> O autor, em trabalho pioneiro sobre a viabilidade dos estádios para sediarem eventos internacionais (planejamento, infraestrutura, construção, formas de usos e manutenção) e comparando os estádios brasileiros (Mineirão, Maracanã, Morumbi e Pacaembu) no cenário internacional, avaliou que o Mineirão não estava em consonância com os ditames estrangeiros. Assim, o autor sugeriu que uma das formas de alcançar esse patamar seria a sua demolição e no local a edificação de um estádio com todos os conceitos modernos “[...] tornando-se um marco arquitetônico espetacular para o cenário brasileiro, maximizando também o potencial turístico de Belo Horizonte”.<sup>19</sup>

Ainda de acordo com esse estudo, Mineirão, Maracanã, Morumbi e Pacaembu ao mesmo tempo em que representam exemplos da capacidade construtiva de sua época, sendo considerados verdadeiros ícones da engenharia, são, também “[...] exemplos claros de incapacidade de gerenciamento das necessidades nascidas, com seu uso, gerando certa obsolescência. Sua conservação e os ajustes técnico-operacionais exigidos com o tempo e com as novas demandas são itens marginais de sua história”.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> BALE. *Sport, Space and the City*, 1993. PARAMIO; BURAIMO; CAMPOS. *From Modern to Postmodern*, 2008.

<sup>18</sup> LA CORTE. *Estádios brasileiros de futebol: uma análise de desempenho técnico, funcional e de gestão*, 2007.

<sup>19</sup> LA CORTE. *Estádios brasileiros de futebol*, p. 209.

<sup>20</sup> LA CORTE. *Estádios brasileiros de futebol*, p. 245.

Tendo como fundo toda essa discussão em relação ao Mineirão e levando em consideração que se trata de um estádio público, o que o distingue, ou deveria distinguir, dos interesses econômicos que protagonizam os clubes, uma questão levantada foi sobre o tratamento dado a um objeto de interesse histórico e cultural, isto é, como transformá-lo sem infringir o tombamento do estádio.<sup>21</sup>

No caso do Mineirão o tombamento do que eles chamam de fachada, na verdade são 88 pórticos, mas há controvérsias. Pois a fachada é... O que está lá dentro não é fachada?! O que você está vendo através dos pórticos. Até isso chegou a ser discutido, pois entra toda uma parafernália de infraestrutura. Não é um tombamento total. Na verdade, parece que houve um tombamento total e depois eles flexibilizaram, porque senão não ia ter Copa. É um tombamento *sui generis*, mas de qualquer forma a laje, por exemplo, a gente tinha que manter (Arquiteto).

Segundo o Arquiteto, como solução, desenvolveram o conceito de manutenção do Mineirão com a mesma cara por fora, mas todo renovado por dentro para atender às exigências do padrão FIFA.

Outro estádio totalmente novo por dentro e que não tem muito de diferente de qualquer estádio padrão FIFA. Porque o padrão FIFA é um padrão. Então você pega o caderno lá da FIFA que diz que você tem que ter isso daqui, você tem que ter isso dali... quer dizer... é um padrão. E aí você tem que ter as áreas de hospitalidade, você tem que ter os camarotes, você tem que ter os vestiários, então você tem requerimento para tudo (Arquiteto).

Uma das exigências da FIFA para que os países sejam sede de seus eventos é a padronização dos estádios. A entidade ordena que eles cumpram uma série de quesitos no que se refere ao uso, à segurança, à comunicação, à sustentabilidade, à assistência, aos serviços, ao tamanho do campo de jogo, à hospitalidade, entre outros, descritos nos doze capítulos do documento *Stadiumbook – Estádios de Futebol: recomendações e normas*, que tem por objetivo “[...] ajudar a todos os envolvidos em projeto, construção e administração de estádios de futebol e a criar instalações que permitam assistir aos jogos com segurança e conforto”.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> O Mineirão está inserido dentro do perímetro de tombamento delimitado pelo IPHAN para o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha. Para maiores informações conferir: LIMA, Helena B.; MELHEM, Mônica M.; POPE, Zulmira C. (Orgs). Bens móveis e imóveis inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: 1938-2009. 5. ed. rev. e atualizada. [Versão Preliminar] – Rio de Janeiro: IPHAN/ COPEDOC, 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1356>>. Acesso em: dia 10 jul. 2012.

<sup>22</sup> FIFA. *Estádios de futebol: recomendações e requisitos técnicos*, 2011.

Parte dessa formatação serve para atender a lógica do *fair play*, na qual todas as equipes devem ter iguais condições de jogo. Se há variação no tamanho dos campos, no ambiente, uma equipe pode se sentir prejudicada em relação à outra. Ademais, a variação no campo de jogo não permite a obtenção de recordes e nem a escolha dos melhores jogadores.<sup>23</sup>

Se internamente o Mineirão foi todo remodelado, a estrutura externa do estádio foi pouco transformada. Para atender à exigência de instalação de cobertura que proteja a todos os torcedores nos vários níveis de arquibancada,<sup>24</sup> o projeto arquitetônico encontrou uma solução mais modesta se comparada a outros estádios, como o Maracanã, por exemplo. De acordo com o entrevistado, os alemães (em alusão aos arquitetos que projetaram a reforma do Maracanã), para cobrir o estádio, planejaram uma

estrutura totalmente independente tanto da laje de cobertura quanto dos pórticos estruturais. Eles colocaram como se fosse uma roda de bicicleta lá, totalmente independente, os pilares ficavam soltos no estádio. A cobertura do Mineirão trabalha junto com a estrutura nova. E que é uma coisa muito difícil de fazer, porque você tem que conhecer muito bem a estrutura e os limites da estrutura de concreto. Logisticamente foi uma solução muito mais inteligente. O *design* deles, obviamente era muito mais atrevido, porque era uma estrutura solta e de cabo e a estrutura do Mineirão é de tubo de aço, mas do ponto de vista do contexto e da adequação para o estádio propriamente dito, é uma solução muito mais adequada (Arquiteto).

A comparação entre Mineirão e Maracanã vem de longa data, desde meados dos anos 1960, época da construção do Mineirão, visto que para a elaboração da planta do estádio, Gaspar Garreto (arquiteto a frente da obra) disse que passou um dia inteiro no Maracanã para conhecer os seus defeitos e as suas qualidades. Já naquela época, a capacidade construtiva do povo mineiro foi evocada, uma vez que o Mineirão foi considerado um grandioso empreendimento, de grande imponência e beleza arquitetônica. Ademais, seu projeto conseguiu aproveitar as qualidades do Maracanã e eliminar os defeitos.<sup>25</sup>

De acordo com as crônicas da época,<sup>26</sup> o Estádio Minas Gerais, primeiro nome do Mineirão, era considerado uma síntese da capacidade realizadora do povo

<sup>23</sup> BALE. *Virtual Fandoms: Futures Capes of Football*, 1998.

<sup>24</sup> FIFA. *Estádios de futebol*, 2011.

<sup>25</sup> SANTOS. *Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro*, 2005.

<sup>26</sup> SANTOS. *Estádio Mineirão*, 2005.

mineiro. Projetado por funcionários da UFMG que trabalhavam no Escritório Técnico da UFMG, havia a demonstração de um orgulho referente à eficiência dos engenheiros, arquitetos, mestres de obras, operários encarregados da execução da obra; à precisão dos calculistas das estruturas; à beleza e à funcionalidade do projeto arquitetônico.

Sendo assim, no contexto atual no qual há a tendência de homogeneizar os espaços, criando formas uniformizadas,<sup>27</sup> em diálogo com o urbanismo *ad hoc*,<sup>28</sup> há, na fala do Arquiteto, uma disputa discursiva no que tange os binômios local/global; nativo/estrangeiro; simples/arrojado; bem como a retomada do orgulho da mineiridade na arquitetura e engenharia. Nesse contexto, além de recuperar a estrutura de concreto do estádio, a preocupação era, também, oferecer um estádio elegante à população.

A gente trabalhou com uma empresa de *design* fazendo a sinalização gráfica e acho que ficou bom. Assim, a gente usou os acentos todos com tons de cinza para não ser da cor de nenhum time, não ser nada muito cheguei que fosse contrastar com o concreto evidente do Mineirão. Então tem aquela coisa meio monocromática, todas as estruturas também são em tom de cinza que é muito próximo do concreto e a sinalização são as cores mais vivas, mais fortes. Então são esses detalhes que eu acho que dá um contraste bacana, chique e elegante, meio austero, mas elegante. Então você olha o Mineirão não tem aquele carnaval de tom nas cadeiras ou é tudo vermelho porque sei lá... O Mineirão é um estádio que acho que ficou muito elegante internamente (Arquiteto).

Um segundo conceito utilizado foi valorizar a parte tectônica do Mineirão, isto é, respeitar os desníveis interno e externo do terreno.

O subsolo não dá a volta inteira no estádio, porque a parte do Atlético está mais alta que a parte do Cruzeiro, em um andar. Então quando você passa o corte no subsolo, ele é uma meia lua, porque a partir daqui já é terra. Então, tentamos recuperar a estrutura de concreto que é muito bonita, brutalista e tal... e ao mesmo tempo inserir o programa de necessidades para um estádio completamente moderno, multifuncional para os padrões FIFA. Já da área externa, o grande desafio era em relação a topografia, pois o terreno tem um desnível de 15 metros do norte para o sul, então é quase que um prédio de cinco andares. Quase todos os estádios são em estações planas. Então o desafio era como separar o fluxo de pedestres e inserir 200 mil metros de programa ao redor do estádio, e como inserir isso sem perturbar a relação do estádio com a vizinhança e com a própria Lagoa da Pampulha. Então a gente

<sup>27</sup> BALE. *Virtual Fandoms*, 1998.

<sup>28</sup> VAINER. *Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano*, 2013.

criou isso que a gente chama de topografia artificial. A gente moldou esse programa de necessidades a topografia do terreno e incluiu a grade. Então ele tem diversos platôs que vão escalonando... às vezes ele some como prédio, ou seja, ele chega no nível da rua direto, a pessoa está andando e quando ela percebeu já entrou na esplanada sem ter que subir nenhuma escada ou rampa, é quase como se fosse uma extensão do espaço público. (Arquiteto).

De acordo com o entrevistado, como existe uma amplitude na topografia do terreno, o cercamento do estádio serviria para delimitar o espaço, separar o fluxo entre pedestres e automóveis e dar segurança. Essa cerca externa é composta por portões que podem ser abertos conforme a demanda. Entretanto, cotidianamente, para se acessar o Mineirão, há apenas duas entradas principais: Norte e Sul. Como o Mineirão é administrado por uma entidade privada, por meio de uma parceria público-privada, o cercamento do estádio serve, também, para determinar o que está dentro e o que está fora de sua jurisdição, demonstrando a tensão e a ambiguidade entre os limites do público e do privado.

Ainda no que tange a topografia externa, o grande desafio foi projetar a esplanada que, nos cadernos da FIFA, é entendida como área de dispersão da multidão, mas que no projeto arquitetônico deveria servir, também, de legado à população em dias sem jogos.

E ao mesmo tempo a gente tinha que transformar a esplanada não só em um espaço inóspito, porque a gente tinha que garantir fluxo de multidão de 60 mil pessoas e toda a área necessária para montagem das instalações temporárias de logísticas, aquele mundo de barracões que entram ali dentro e tal, mas, ao mesmo tempo, a gente tinha que ter para o legado alguma coisa que atraísse a população para usar aquilo 24 horas por dia, todos os dias da semana. Então, a ideia de inserir programas de necessidades nesses desníveis, ou seja, lojas e ter também uma área de refúgio na beira. No perímetro fizemos umas pracinhas que a ideia era ter uma área de sombra onde se pudesse sentar ali e descansar ou você está andando com menino, passeia e leva carrinho de bebê, enfim. Então, é a ideia de ser uma praça, uma grande área semi-pública, porque tem que ter um nível de controle por questões de segurança, com um programa de necessidades incluindo estacionamento, museu do futebol, lado institucional e mais áreas comerciais (Arquiteto).

Nessa topografia artificial, a esplanada é um lugar bem amplo, com 80 mil metros quadrados e, aproximadamente, 1.400 metros de circunferência. Ela circunda todo o estádio, em vários desníveis. A esplanada é iluminada, conta com

sistema de som, banheiros, bebedouros, lojas e grandes blocos de cimento que servem como uma área de convivência. Além de possuir horário de funcionamento.

Ainda, segundo o Arquiteto, a meta era fazer um projeto enxuto, com uma infraestrutura capaz de abrigar eventos internacionais e também deixar um legado para a cidade, isto é, a finalidade era não fazer do Mineirão um elefante branco nos dias em que não houvesse futebol. Nesse sentido, embora não soubesse exatamente que usos seriam feitos da esplanada, para além dos já projetados, e nem a forma de animação desse espaço, havia a intenção de criar um espaço público de lazer para a população de Belo Horizonte, suprimindo uma carência da capital.

A gente sabe da dificuldade de ter espaço público na cidade. A gente fez uma comparação do Mineirão em termos de escala com todos os outros espaços públicos da cidade: Parque Municipal, Praça do Papa, Praça da Estação, mostrando como o Mineirão era maior que tudo isso. Ele é quase do tamanho da área em volta da Cidade Administrativa. Quer dizer... Isso tudo com o Mineirinho na frente, com o CEU, com a UFMG, com o pessoal que mora no bairro, com o Parque Tecnológico, com a USIMINAS. Ou seja, você tem um potencial de gerar espaço para todo esse público. E não só um espaço vazio, mas um espaço que pode ser apropriado de diversas formas. Então, você pode ter *shows* ou teatro ao ar livre, pode ter um pouco de skate radical e gente andando de patins ou bicicleta, correndo. Você tem uma belíssima vista da Lagoa e você tem esse potencial de sinergia com o Mineirinho e com o CEU. Então, você pode fazer eventos no Mineirinho utilizando a infraestrutura do Mineirão, por exemplo, estacionamento e vice-versa. A gente teve que deixar um certo nível de indeterminação. A gente não falou 'isso vai ser usado assim e só', porque a gente sabia que, com o tempo, isso ia ser apropriado pelas mais diversas formas que não estariam no nosso controle. O que tentamos foi garantir que a gente atraísse a população para lá. Então, para isso, você precisa ter o mínimo de infra ali, tipo lanchonete, café, restaurante. A gente queria que sempre tivesse isso, banheiro, área sombreada, que fosse realmente uma praça ou parque suspenso com uma certa infraestrutura. Inclusive tem um estudo nosso que tem uma espécie de mercado lá embaixo, tipo um mercado central, mas mais chique, um mercadinho mesmo, mas tipo o mercado central de São Paulo. Como o nosso mercado central, mas mais bacana, no sentido gourmet. Aliás, eu detesto esse termo. Hoje tudo é gourmet, espaço kids gourmet, sauna gourmet, varanda gourmet, já não aguento mais... Mas assim, não tem, por exemplo..., se você vai na Pampulha, tem o restaurante JK, tem o restaurante não sei o que, mas não tem o que fazer e tem potencial. A gente está falando de 7 mil metros quadrados de espaço comercial, eu acho que está subutilizado. Então, se você conseguir viabilizar um mix comercial e de serviços no Mineirão, aí sim ele irá funcionar como um atrativo para o bairro e até mesmo para a cidade, vai virar destinação... 'vamos lá no mercado Mineirão, vamos lá no restaurante tal', porque ali atrás do gol, na parte sul, tem um espaço para ter um restaurante panorâmico e para ter evento. Então se tem um

mundo de possibilidades que não está sendo efetivamente aproveitado pelo consorcio, mas imagino que isso leva tempo também (Arquiteto).

Nesse sentido, a fala acima considera a imprevisibilidade sobre os usos das formas e reconhece que, para que algo seja usado e também apropriado pela população, é necessário oferecer infraestrutura, segurança e possibilidades de convivência. Além disso, a fala do Arquiteto se mostrou mais ampla à apresentada pelos gestores públicos que participaram da execução do projeto de reforma do estádio que o entendia como o novo Eldorado.<sup>29</sup>

Se por um lado, houve a tentativa de preservação da fachada do Mineirão, por outro, a esplanada foi um dos grandes rompimentos visuais e simbólicos com o Mineirão antes da reforma, uma vez que, alguns elementos presentes em dias de jogos (barraquinhas tradicionais e áreas de concentração de torcedores) e as árvores em torno do estádio foram todos abruptamente retirados da população.

É uma loucura... agora, todo mundo gosta de árvore. As pessoas falam isso como se fossemos biruta, né; 'vamos cortar as árvores...'. Não é isso. A questão é que na verdade, você tem que lidar com um monte de coisas. Como estamos falando de um estádio que, inclusive, será usado nas olimpíadas, tem que garantir um espaço vazio em volta, um perímetro de segurança interna, que é a área onde estão as catracas, para a circulação dessa multidão. Não sei se você já foi lá em dia de jogo... é uma loucura... então assim, não tem como você ter árvores naqueles trechos, além do mais a gente está com uma estrutura de pré-moldado que tem uma sobrecarga muito leve. Então o que a gente trabalhou? A gente pensou em manter as árvores do estacionamento, a gente projetou uma espécie de bosquinho, no acesso Norte (entrada pela Avenida Abrahão Caran), que não foi executado ainda, mas tinha um bosquinho que ia fazer o sombreamento ali, já que ali é terra, isto é, não é suspenso. Então ali a gente tinha o bosquinho, propomos as fontes de água que era para amenizar esse problema e a ideia de ter grandes vasos que é muito comum na Europa... Então essas nove praças que a gente fez, a gente inclusive usou uma árvore que era muito usada por Burle Marx e que dava uma sombra muito espalhada, só que o pessoal da administração colocou umas mudas que na primeira chuva já foram embora. Isso exige uma vontade de você querer fazer aquele negócio e ser realente uma coisa importante. Se você olhar nossas perspectivas iniciais, e a gente não fez isso para enganar ninguém, você pode reparar que a gente tinha árvore de porte médio na esplanada dessas nove pracinhas. Então pelo menos na beira, onde tem aqueles bancos de concreto a gente tem os vasos, e parece que eles estão estudando a possibilidade de ter uma jardineira com vegetação mais baixa, então não sei... sentar em um banco com uma jardineira, como tem na Savassi, de certa forma. Isso é uma coisa que é importante para gente, mas que não está funcionando na prática. Eu

<sup>29</sup> LAGES; SILVA; SILVA; MASCARENHAS. A copa do mundo de futebol em Belo Horizonte: impactos e legados, 2015.

não aguento andar ali, quando eu tenho que levar alguém para visitar o Mineirão, você tem que falar 'se prepara que o negócio é ...', como dizia Nelson Rodrigues, '... é um sol de rachar catedrais' (Arquiteto).

A esplanada, feita de cimento, acumula calor e reflete a luz do sol. O trecho indica que houve a necessidade de se adequar às normativas vigentes, mas também encontrar soluções para os problemas advindos dessa norma. Além disso, demonstra também que há uma diferença de entendimento entre o que foi projetado e o que foi executado. Um dos motivos que podem justificar essa discrepância é o fato de o corpo administrativo do Mineirão, isto é, os funcionários da Minas Arena, não terem participado do projeto de concepção da reforma do estádio.

A tentativa de criar uma harmonia entre Mineirão e entorno, atendendo às exigências da FIFA, fez com que uma das principais características do Mineirão fosse desfeita.

As pessoas diziam que o Mineirão era uma maravilha... Peraí, acho que o povo esquece como é que era. Eu tenho um antes e depois lá no escritório que é sinistro, são fotos de antes e depois. É sinistro. Então assim, acho que não há dúvida que as coisas melhoraram agora. Obviamente, que aquela área em volta do Mineirão não era um bosquinho idílico, um parque superbacana para você passear. Ela estava longe disso, com aqueles mourões, com arame farpado em cima. Então, obviamente, isso não foi planejado pelo Gaspar Barreto e pelo Eduardo Mendes (Arquiteto).

Por meio dessa passagem, verifica-se que houve um sucateamento e um desleixo com o Mineirão no decorrer do tempo. De acordo com Raquel Rolnik, ao longo dos anos, a sociedade está apresentando um movimento de fuga dos espaços públicos ou, nas palavras da autora, uma agorafobia coletiva.

Rolnik<sup>30</sup> aponta que esse processo de fobia, que se instalou em relação à cidade e ao espaço público, ocorreu em dois momentos. O primeiro é marcado pelo esvaziamento e não-uso do espaço público e, o segundo, pela sua rejeição e medo, já que passou a ser visto como um local de exercício da violência.

A autora aponta que a sociedade, dividida não apenas em classes sociais, mas em grupos, movimentos, organizações, minorias, se fechou em si mesma em espaços específicos, não possibilitando o encontro das diferenças. Assim, basicamente, só permaneceram na rua aqueles que só têm o espaço público como recurso, seja para moradia, trabalho ou refúgio de sobrevivência, como, por

---

<sup>30</sup> ROLNIK. O lazer humaniza o espaço urbano, 2000.

exemplo, mendigos, miseráveis, marginais, enfim, os excluídos socialmente.<sup>31</sup> É nesse sentido que Mascarenhas<sup>32</sup> afirma que o estádio, antes da reforma, era um dos últimos bastiões do direito à cidade, para os menos favorecidos economicamente, excluídos pelo processo de transformação da vida em mercadoria. O processo de reformulação do Mineirão pode induzir o distanciamento de determinadas camadas da população que não podem acessar o estádio nem para "complementar renda" e, talvez, nem para os momentos de lazer.

No entorno do Mineirão antes da reforma, em dias de jogos, havia a concentração de muitos torcedores em frente às barraquinhas credenciadas pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e conhecidas pelos torcedores como barraqueiros do Mineirão, que comercializavam bebidas (água, refrigerante e cerveja) e comida (pão com pernil, cachorro-quente, espetinho e macarrão na chapa entre outras iguarias). Ali os torcedores bebiam, conversavam, paqueravam, exaltavam o clube, provocavam o adversário. Havia encontros breves, conversas rápidas e grupos que se conheciam e se reconheciam como frequentadores daquele lugar, estabelecendo redes de sociabilidades. Por esse espaço também circulavam vendedores ambulantes que ofereciam camisetas e artigos relacionados aos clubes (almofadas, bolsas, tiaras, chaveiros, adesivos, pôsteres, radinhos). Por essa descrição, o Mineirão se constituía como espaço de lazer para alguns e espaço de trabalho para outros, funcionando como fonte de renda complementar.<sup>33</sup>

Ao longo do tempo, os barraqueiros do Mineirão tornaram-se parte central dessa experiência de estádio que contribuía para o encontro de e entre classes, uma vez que na mesma barraca comia o juiz, o promotor, o trabalhador e o ladrãozinho. Entretanto, nem sempre esses encontros e vínculos eram formados de forma harmoniosa, uma vez que havia a presença de pivetes.<sup>34</sup> Essa convivência e pluralidade de acontecimentos que ocorriam no Mineirão com o próprio sujeito ou com seus conhecidos, agregada ao futebol, ao pertencimento clubístico, também constituíam a experiência do estádio. Em uma análise mais ampliada, essas tramas formavam o enredo para as narrativas do/no estádio.

---

<sup>31</sup> ROLNIK. O lazer humaniza o espaço urbano, 2000.

<sup>32</sup> MASCARENHAS. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol, 2013.

<sup>33</sup> PEREIRA. *Mineirão em cena: palco de sociabilidades e imagens*, 2004.

<sup>34</sup> GUSTIN. *Relatório cidade, trabalho e megaeventos esportivos: o caso dos trabalhadores do entorno do Mineirão*, 2014.

Para tentar recriar essa atmosfera (excluindo o ladrãozinho e o pivete),<sup>35</sup> uma das premissas do projeto arquitetônico foi deixar a esplanada mais livre, com capacidade de um mix de lojas e carros de comida.

Então todo mundo que vai ao estádio, teoricamente, já poderia estar aqui dentro, bebendo, fazendo as coisas e tal. Eles não precisavam estar lá do lado de fora. De certa forma, o projeto foi dimensionado para isso, poderiam se acumular aqui, nessas duas praças de acesso. O pessoal com ingresso entrou, passou na segunda checagem e você está aqui na esplanada. Vamos supor, você tem seus barraqueiros, mas você também tem uma série de lanchonetes e lojas nesse nível aqui. Inclusive, se você olhar no vídeo de divulgação do estádio, vemos um monte de gente aqui, inclusive com barraquinhas, sentados civilizadamente e tal. Então essa turma poderia, tranquilamente, estar bebendo aqui e eu não tenho dúvida nenhuma disso. Eles não precisariam estar do lado de fora. O consórcio tinha que dar um jeito de resolver isso e, aqui, poderia ter os *food truck* acontecendo. Isso daqui seria ótimo. Na verdade, na Copa do Mundo funciona assim. É isso! Foi feita para isso, mas eles operam de uma forma como se o povo todo fosse selvagem (Arquiteto).

O trecho, mais uma vez, demonstra um desencontro entre projeto e operacionalização, ainda que, de certa maneira, todo o uso da esplanada tenha sido pensando de modo a atrair o usuário dentro de um processo de consumo de bens e mercadorias.

A questão toda está na operação do dia a dia. Então eu não acho que enquanto eles não conseguirem fazer um mix de lojas e de serviços ali para a população do dia a dia, porque eu vou lá, tem a lojinha do Cruzeiro, tem outra coisa lá, mas... Então, se você conseguir viabilizar um mix comercial e de serviços no Mineirão, aí sim ele irá funcionar como um atrativo para o bairro e até mesmo para a cidade, vai virar destinação... 'vamos lá no mercado Mineirão, vamos lá no restaurante tal'. Esse espaço que tem ali embaixo que na Copa funcionou como vila da mídia e funciona hoje como estacionamento, na verdade a gente projetou um mini shopping ali embaixo. Tem 5 mil metros de área comercial e é onde fizemos a proposta de fazer uma espécie de mercado central, aqui é um pouco mais complicado de mexer, pois é o *background*. Mas no legado, isso poderia ser *show*, com um monte de restaurante, um lugar para vender coisas para turista, que não existe. Fui lá com os alemães e passei vergonha, o cara teve que comer pipoca guri. Então é triste (Arquiteto).

A partir do exposto, cada vez mais é próximo o diálogo entre Estado e iniciativa privada de modo que esta é quem determina o que será veiculado em termos de espetáculos, eventos e acesso. Além disso, enfatiza que o rompimento

---

<sup>35</sup> Faço a ressalva do uso dos termos "ladrãozinho" e "pivetes", por entender que são pejorativos e preconceituosos.

com o Mineirão antes da reforma se deu não apenas com a retirada de alguns elementos constitutivos desse espaço e construção da esplanada, como também nas formas de uso e apropriação desse equipamento.<sup>36</sup>

Para a reforma do estádio, várias foram as fontes de inspiração:

Gostamos muito do estádio de Durban, por ter essas áreas comerciais em volta do estádio, funciona realmente como um espaço público, uma praça pública, apesar do estádio em si ser outra coisa, mas essa relação de você ter uma área onde as pessoas vão e que tem pracinha que é tratada paisagisticamente e que as famílias vão, foi muito legal de ver. Tem o Allianz Arena que pra gente é um dos estádios que a gente gosta mais, porque é um estádio espartano, mas extremamente funcional e bonito, simultaneamente, tem uma base e plataforma com estacionamento embaixo e, em cima, é uma praça, apesar de ser quase um prédio com uma praça em cima. Esses dois estádios nos deixaram muito bem impressionados. Também gostamos muito do estádio do Green Point, na África do Sul, na Cidade do Cabo, por ter uma esplanada parecida com a do Mineirão, apesar de não ter uma topografia, tem uma esplanada. Mas é uma pena, porque o estádio está subutilizado e eles arriscam a demoli-lo, porque não é usado, mas é um estádio muito elegante também de soluções técnicas para sua implantação. E eu também gosto de estádios que não têm muito a ver, por exemplo, eu acho o Pacaembu uma gracinha, tenho um carinho por ele. O estádio de Berlim nos impressionou muito pela recuperação histórica. E o Dallas Cowboy por essa loucura de tecnologia que a parte de infraestrutura e logística nos fez mudar o projeto. A gente viu que a nossa parte de logística, de carga e descarga, tinha que ter mais espaço. Então acrescentamos mais 2 mil no estacionamento só de manobra de caminhão, carga e descarga, pois estávamos com uma visão meio modesta do que é ter um show do Paul McCartney. Então foi bom visitarmos desde estádios singelos, como o Pacaembu até o com programação intensa (Arquiteto).

Por fim, no que se refere às formas previstas de uso para o Mineirão o Arquiteto tece uma crítica, ao defender que ele está sendo subutilizado em detrimento do seu potencial e dos estádios multifuncionais determinados pela FIFA.<sup>37</sup>

Por exemplo, há um estádio em uma cidadezinha na África do Sul que virou um *point* da cidade, porque a cidade não tem espaço público, eles gostam mesmo é de rúgbi, então perto tem o estádio de rúgbi, como se fosse o Mineirinho, que lota, e eles usam todos os *pubs*, botecos, lanchonetes, restaurantes, na esplanada do estádio. E lá você ainda pega um elevadorzinho, sobe para visitar o estádio, passa por cima do arco dele, que é incrível, e a área comercial em volta. Não tem jogo de futebol

<sup>36</sup> Para maior aprofundamento nessa questão consultar: CAMPOS, Priscila. *As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma*. 2016. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

<sup>37</sup> FIFA. *Estádios de futebol*, 2011.

lá não, o pessoal fica vendo rúgbi. Aqui eu acho que deveria ter uma empresa profissional de gestão de estádio, uma empresa americana sabe, de gestão de arena esportiva. Porque a gente visitou estádio na África, na Europa, nos EUA e tal, e nos EUA, o esporte é uma coisa tão rentável, os caras ganham em tudo. Eles vendem boné, camiseta, tem maquininha vendendo chocolate, tem restaurante com garçom te servindo, no próprio estádio eles fazem, mais ou menos as mesas da mídia, eles fazem um jantar com um abajourzinho e o cara assistindo ao jogo de basquete. Então, em termos da profissionalização da gestão do esporte, que está longe disso com os clubes todos falindo, não entendo como não conseguem ganhar dinheiro tendo os torcedores fanáticos que tem, então essa parte da profissionalização do esporte tem um pouco a ver com esse amadorismo de gestão de arenas esportiva. Eu fui no estádio do Dallas Cowboy que parecia um shopping, o estádio era um shopping, aliás, com uma tela tão gigantesca que ninguém olhava para o campo... e era assim, um dia tinha jogo de futebol americano, dois dias depois *holliday on ice*, três dias depois *show* da Madona, quatro dias depois *show* de Monsters Trucks, cinco dias depois... era um estádio muito ocupado. Então assim, a gente está longe disso, estamos como você falou, mais próximos dos estádios europeus, é o nosso padrão, vende camiseta e tal, mas não tem todo mundo comendo durante os jogos, cem por cento do tempo as mais variadas cozinhas (Arquiteto).

Esse trecho explicita que, se antes o estádio era o templo sagrado do futebol, atualmente está se tornando em um templo sagrado do consumo. As arenas multiuso tendem a tratar o torcedor como cliente: uma pessoa privada. Gorz afirma que o cidadão é diferente do cliente.<sup>38</sup> O cidadão é um sujeito de direito, coletivo, enquanto o cliente é um sujeito individual, privado, em quem a publicidade transforma o seu desejo como único, a sua escolha como símbolo de distinção. “A indústria publicitária promete a procura de soluções individuais para problemas coletivos”.<sup>39</sup>

Em analogia à relação cidadão-cliente, Campos e Amaral fizeram a relação torcedor-cliente.<sup>40</sup> As autoras entendem que o torcedor é o sujeito que tem um pertencimento clubístico, escolhido pela natureza simbólica que determinado clube representa em seu contexto socioafetivo; tem a ida ao estádio como momento de lazer e espaço de fruição de uma sociabilidade única, acompanhando o time independentemente de sua classificação na tabela e do dia da semana. Enquanto isso, o cliente consome o produto futebol, as marcas (ou seriam jogadores?) que cada clube contrata, o conforto e a segurança, os camarotes VIP’s

<sup>38</sup> GORZ. *O imaterial*, 2005.

<sup>39</sup> GORZ. *O imaterial*, p. 49.

<sup>40</sup> CAMPOS, AMARAL. *A Copa do Mundo de Futebol de 2014 e o (novo) Mineirão*, 2013.

que prometem melhor visibilidade do campo e serviço e, em termos europeus, as ações que determinados clubes dispõem na Bolsa de Valores, visando o lucro.

Nessa economia do futebol, o espetáculo futebolístico, o conforto, a comodidade, a infraestrutura, a tecnologia e a segurança são comercializados enquanto produto. A relação entre capital-produto nas arenas multiuso faz com o que eixo central deixe de ser a partida de futebol em si. Há um novo valor simbólico agregado à marca Novo Mineirão, na qual uma infinita gama de publicidade produz uma imagem desse espaço e as formas de uso desse produto, chancelado por uma marca de escala planetária: a FIFA, e difundida pelos meios de comunicação.

Se, em termos de produção de capital o Mineirão está aquém do mercado internacional, em questões arquitetônicas estão no mesmo nível.

Eu acho que agora os estádios brasileiros estão no mesmo nível que os europeus. E nisso eu não tenho dúvida nenhuma. No estádio do Barcelona tem coisas que você não imagina, eu tenho uma foto do filho do meu sócio lá, ele tem 1,95 m, andando em um pé direito de 1,70m. Então eles têm situações de segurança muito mais precárias do que a gente, porque a copa do mundo deles foi a muito tempo atrás. Então é claro que a cada copa que tem, a tendência é que se tenha... inclusive a FIFA revê o que deu certo nessa Copa, coloca mais requerimentos, aprimora as coisas. Então cada evento é um aprendizado para o novo caderno da FIFA e os estádios vão ficando, teoricamente, melhores e ajustados. Então, na Espanha, que eu saiba, eles vão começar a ficar nesse nível agora. Mas, por exemplo, na Polônia que teve Copa da Europa, eles já estão com estádios de alto nível lá. A Rússia também já está tudo pronto. Na Inglaterra, por causa da olimpíada e, tradicionalmente, já estão muito mais na frente. Na Alemanha também. Mas assim, os estádios aqui estão no nível dos estádios europeus, obviamente que a Alemanha é sempre outro nível. Houve um salto de qualidade enorme. Antes da copa do mundo o Cassio Pena e o filho dele fizeram um diagnóstico dos estádios brasileiros. O Carlos de La Corte mostrava frequentemente nas palestras dele, era sinistro, era sinistro. A gente tem a tendência de romantizar o passado... (Arquiteto).

A FIFA, ao rever as suas normatizações sobre os estádios incluindo, excluindo e mantendo certas normativas, opera de modo a potencializar a difusão dos chamados estádios pós-modernos. Tais estádios têm como características em comum a preocupação com estética e funcionalidade, apresentando, portanto, um desenho inovador, segurança, conforto, hospitalidade, acessibilidade a todo tipo de usuário, multifuncionalidade e aumento do desenvolvimento comercial, tanto em dias de jogos, quanto em dias sem jogo. Além disso, esses estádios devem contribuir para a regeneração urbana; ser uma construção icônica, um lugar turístico e capaz

de recriar novas e antigas experiências para atender a um público mais vasto, em uma perspectiva, ao mesmo tempo, futurista e museológica.<sup>41</sup>

Vale ressaltar que esse fenômeno perpassa a FIFA, uma vez que, na atualidade, há a remodelação e construção de estádios independentemente se vão ou não sediar os eventos oferecidos por ela. Entretanto, nos locais em que tais eventos serão realizados, os estádios acompanham a tendência. Em alguns casos, produzem espaços e, em outros, contribuem para a renovação de espaços outrora produzidos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da fala do Arquiteto representa um dos pontos de vista adotados durante o processo de reforma e também de reformulação do Mineirão. Ela evidencia o alinhamento com a escala global de construção e transformação dos estádios em uma arquitetura padronizada, normalizada e reproduzível,<sup>42</sup> já que o projeto arquitetônico, em cumprimento às exigências da FIFA, enfatizou os elementos funcionais e a valorização da estética, a preocupação com conforto, segurança, hospitalidade e acesso a todos os tipos de usuários, além do desenvolvimento comercial, tanto em dias de jogo, quanto em dias sem jogo.

As falas também demonstram que não há tanta sincronia entre as formas de se planejar um estádio, a implementação e a operacionalização desse planejamento, uma vez que nem sempre os mesmos agentes estão presentes nessas fases e/ou possuem as mesmas expectativas e objetivos, de modo que todo esse processo pode se tornar um híbrido. Assim, ainda que se vislumbre o modelo europeu de futebol a comercialização do espaço tem como referência o modelo estadunidense.

Cabe destacar que, o novo e moderno estádio que, internamente, nada faz lembrar o antigo, precisa da lembrança do passado (especificamente, a permanência de endereço e manutenção da fachada) para criar a identidade e a identificação com o público, de modo que passado e presente se tencionam. Junto a esse processo, houve a tentativa e há a expectativa de transformar a esplanada do Mineirão em um espaço apropriado pela população belo-horizontina em seu cotidiano, sendo mais um espaço de lazer na capital, disponível em dias sem jogos, levando em

<sup>41</sup> PARAMIO; BURAIMO; CAMPOS. *From Modern to Postmodern*, 2008.

<sup>42</sup> BALE; MOEN. *The stadium and the city*, 1995. PARAMIO; BURAIMO; CAMPOS. *From Modern to Postmodern*, 2008.

consideração, não apenas o consumo proporcionado pelos estabelecimentos comerciais existentes ou pelo futebol, mas também pelas práticas espontâneas desenvolvidas pela própria população.

Por fim, há a necessidade de novos estudos para conhecer amiúde os meandros e os marcos inspiradores das reformas, reformulações e construções dos estádios de futebol no Brasil, assim como suas formas de uso e apropriação.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- BALE, John. **Sport, Space and the City**. Caldwell: The Blackburn Press, 1993.
- BALE, John. Virtual Fandoms: Futurescapes of Football. **Lecturas**: educación física y deportes. Buenos Aires, v. 3, n.10, mayo-1998. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd10/jbale.htm>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- BALE, John; MOEN, Olof. **The Stadium and the City**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1995.
- CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; AMARAL, Silvia Cristina Franco. A Copa do Mundo de Futebol de 2014 e o (novo) Mineirão. **RUA** [online], Campinas, v. 1, n. 19, p. 40-55, 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- FIFA. **Estádios de futebol**: recomendações e requisitos técnicos. 5. ed. 2011.
- FRANK, Sybille; STEETS, Silke. **Stadium worlds**: football, space and the built environment. London: Routledge, 2010.
- GORZ, André. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.
- GUSTIN, Miracy. **Relatório cidade, trabalho e megaeventos esportivos**: o caso dos trabalhadores do entorno do Mineirão. Belo Horizonte: Faculdade de Direito/UFMG, 2014.
- LA CORTE, Carlos de. **Estádios brasileiros de futebol**: uma análise de desempenho técnico, funcional e de gestão. 2 v. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LAGES, Carlos Eduardo; SILVA, Silvio Ricardo da; SILVA, Luciano Pereira da.; MASCARENHAS, Fernando. A copa do mundo de futebol em Belo Horizonte: impactos e legados. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 44, p. 79-92, maio-2015.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, v. 10, n. 17, p.142-70, 2013.

PARAMIO Juan Luis; BURAIMO, Babatunde; CAMPOS, Carlos. From Modern to Postmodern: The Development of Football Stadia in Europe. **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics**, v. 11, n. 5, p. 517-34, set. 2008.

PEREIRA, Patrícia. **Mineirão em cena**: palco de sociabilidades e imagens. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000, s/p.

SANTOS, André Carazza dos. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. **Efdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n. 87, 2005. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd87/minerao.htm>. Acesso em: 10 jun. 2020

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: VAINER, Carlos, ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 75-103.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 22 jun. 2020.  
Aprovado em: 02 dez. 2020.